

**Proposta de  
Desclassificação da  
Fábrica de  
Papel do Boque**

**Imóvel de Interesse  
Municipal**

**março de 2018**



## 1. INTRODUÇÃO

---

O presente documento é referente à proposta de desclassificação da Fábrica de Papel do Boque, classificada como “Imóvel de Interesse Municipal”, ao abrigo do Decreto n.º 26-A/92, de 01 junho 1992, publicado no Diário da República n.º 126, I série B, conjugado com o n.º 2 do artigo 112.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, que estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural.

## 2. LOCALIZAÇÃO

A Fábrica do Papel do Boque situa-se em Casal de Santo António, freguesia de Serpins, junto ao rio Ceira.



### **3. CLASSIFICAÇÃO PATRIMONIAL DA FÁBRICA DE PAPEL DO BOQUE**

O Decreto n.º 26-A/92, de 1 de junho de 1992, publicado no Diário da República n.º 126, I série B, procedeu à classificação da Fábrica de Papel do Boque como “Imóvel de Valor Concelhio”, ao abrigo da Lei n.º 13/85, de 6 de julho, a Lei do Património Cultural Português em vigor à data da respetiva classificação.

A classificação supramencionada foi determinada por despacho de Sua Excelência o Secretário de Estado da Cultura, proferido sobre parecer da 9.ª Secção do Conselho Consultivo do extinto Instituto Português do Património Cultural.

Com a entrada em vigor da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, que estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural, a classificação como “Valor Concelhio” foi convertida para “Interesse Municipal”, por imposição do n.º 2 do artigo 112.º do referido diploma legal.

#### 4. NOTA HISTÓRICA

---

*“A Fábrica de Papel do Boque foi fundada no ano de 1861 por José Joaquim de Paula, industrial que em 1821 havia fundado a Fábrica de Papel de Góis, em Ponte do Sótão.*

*A primeira fase de edificação do Boque prolongou-se entre o ano da fundação e 1868 (1.ª fase), ano em que se instalaram as primeiras máquinas no local e se deu início à produção de papel.*

*Alguns anos depois, durante a década de 70 de Oitocentos, a fábrica foi vendida à empresa Viúva Macieira e Filhos, atual proprietária dos edifícios. Iniciou-se, assim, a segunda fase de construção, com a construção de novos edifícios adjacentes ao núcleo primitivo e a introdução de novos maquinismos, que incluíam uma máquina de fabrico de papel contínua, a primeira do género a laborar em Portugal.*

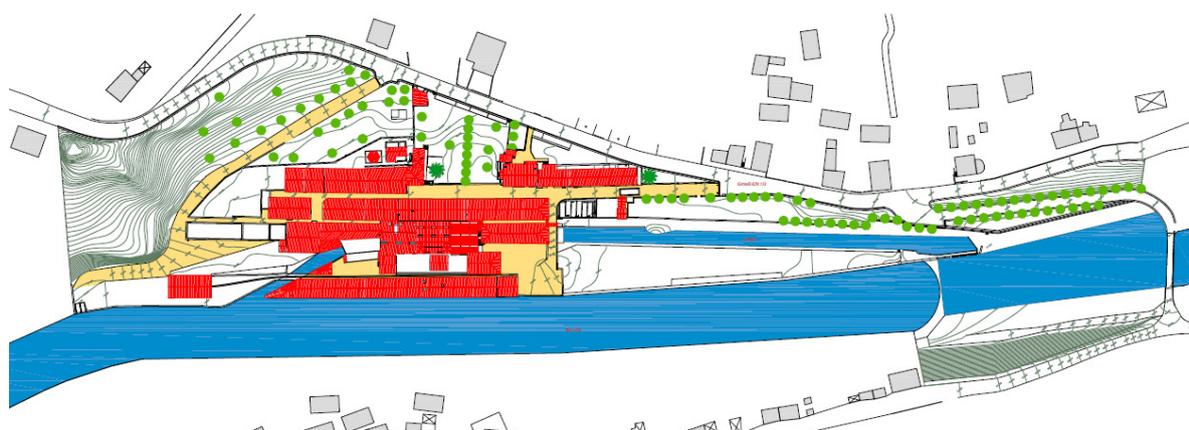
*Ao longo do século XX foram sendo melhorados os acessos ao complexo fabril, em 1930, nomeadamente com a extensão da linha ferroviária entre Coimbra e Lousã (inaugurada em 1906), com destino a Serpins, e com a edificação de uma ponte rodoviária sobre o Ceira, alguns metros a este dos edifícios.”*

*“O adensar dos problemas que a indústria em geral e a de papel em particular atravessaram no início dos anos 80, as novas exigências por parte do Ministério da Economia e da Indústria, o fim das colónias portuguesas no Ultramar, um dos principais mercados desta empresa, a relutância por parte da administração em modernizar os processos de fabrico aliada à concorrência cada vez maior dentro e fora do país levou ao seu encerramento no mês Janeiro de 1986.”*

*“Um dos aspetos que tornou esta fábrica tão peculiar é o facto de quando começou a laborar em 1868 estava bem apetrechada tecnologicamente, superior às suas congéneres da região e no entanto no ano em que encerrou era a mais arcaica e obsoleta.”*

## 5. NOTA ARQUITETÓNICA

A antiga Fábrica de Papel do Boque era o exemplo de uma tipologia oitocentista de planta irregular, composta por unidades edificadas retangulares, delimitada por um muro circundante que abrange a totalidade da propriedade industrial.



O assentamento original da Fábrica de Papel do Boque consistia num pequeno edifício junto ao rio que foi gradualmente ampliado, passando a fábrica a ser composta por um aglomerado de corpos edificadas que formavam uma planta, complexa e irregular, cuja orientação acompanha o curso do rio Ceira.

O edifício principal, localizado mais perto do curso de água, dividia-se em dois pisos no corpo central, com chaminé ao centro e fachadas rasgadas pela abertura simétrica de janelas de moldura redonda, correspondendo ao antigo espaço de processamento e fabrico de papel. Nas traseiras deste dispunham-se os espaços que albergaram os armazéns, a casa da báscula, a carpintaria, a serralharia, o tanque de decantação, a casa das caldeiras, e também um açude, que permitiu a canalização da água do rio Ceira até aos edifícios da fábrica.

A volumetria dos edifícios era simples e articulada, com coberturas de 1, 2 e 3 águas, cujo revestimento recorria em larga escala à telha cerâmica. Os edifícios por

pertencerem a épocas de construção distintas possuíam desenhos diferentes, mas sempre com o objetivo de serem espaços o mais funcionais possíveis.

O crescimento do edificado efetuou-se do Rio Ceira em direção à estrada municipal e para jusante do rio.

As estruturas dominantes do edificado são a alvenaria de pedra (paredes) e estruturas de madeira (pavimentos, coberturas e caixilharia)

Os outros materiais de construção utilizados: tijolo cerâmico, ferro, vidro, telha cerâmica e peças em fibrocimento.

## **6. TITULARIDADE DO IMÓVEL CLASSIFICADO**

---

Na década de 70 do Século XIX, a Fábrica de Papel do Boque foi vendida pelo seu fundador José Joaquim de Paula à sua atual proprietária empresa Viúva Maceira & Filhos, Lda.

Na sequência do encerramento da referida fábrica (janeiro de 1986), em abril de 1993, todo o recheio da fábrica (maquinaria e papel) passa a pertencer a José Afonso Henriques de Carvalho, por força do processo de execução n.º 139/91, resultante de um auto de penhora.

Em 23 de dezembro de 1996 foi celebrado um acordo entre a Câmara Municipal da Lousã e José Afonso Henriques de Carvalho, no qual este cede a esta edilidade todos os direitos sobre os bens adquiridos, à exceção de alguns lotes correspondentes a papel, cartolinas.

Apesar da classificação patrimonial da fábrica e da propriedade do recheio, nunca o Município da Lousã foi proprietário dos edifícios ou dos terrenos envolventes, tendo sempre sido impedido de aceder aos bens adquiridos e de salvaguardar a sua preservação.

As negociações realizadas entre o Município da Lousã e a empresa Viúva Maceira & Filhos, Lda. para a aquisição dos edifícios e dos terrenos afetos à Fábrica de Papel do Boque, com intuito que se proceder à sua reabilitação e conversão num equipamento cultural também não foram bem sucedidas.

.

## **7. ESTADO DE CONSERVAÇÃO DO IMÓVEL CLASSIFICADO**

O desinteresse da proprietária da Fábrica de Papel do Boque em conservar e/ou reabilitar este imóvel classificado e o fracasso das negociações de aquisição promovidas pelo Município da Lousã conduziram à sua progressiva degradação.

O inverno de janeiro de 2001, marcado por uma elevada precipitação e ventos fortes, levou à subida do nível da água do Rio Ceira, que alcança a Fábrica de Papel do Boque, destruindo muros, coberturas, portas e janelas, bem como maquinaria ao nível das oficinas e máquina de fabrico de papel (a água aqui atingiu a cota de 2,60m).

Estando, naquela data, o Município impedido de aceder ao interior dos edifícios da fábrica, não foi possível na altura contabilizar os prejuízos causados pela referida inundação, nomeadamente, aos bens adquiridos pelo mesmo.

O incêndio de grande proporção que deflagrou no concelho da Lousã a 15 de outubro de 2017, atingiu com gravidade as instalações da Fábrica de Papel do Boque e a sua envolvente.

O referido incêndio destruiu a maioria dos seus edifícios, restando apenas as suas paredes exteriores de pedra com deformações, que indiciam risco de desabamento.



## **8. FUNDAMENTAÇÃO DA PROPOSTA DE DESCLASSIFICAÇÃO**

---

As instalações devolutas da Fábrica de Papel do Boque e a sua envolvente foram gravemente atingidas pelo incêndio que percorreu, nomeadamente, a freguesia de Serpins a 15 de outubro de 2017.

Por observação direta "*in situ*" foi possível verificar que o fogo destruiu grande parte dos edifícios da Fábrica de Papel do Boque, restando apenas as paredes exteriores de pedra que demonstram indícios de risco de desabamento.

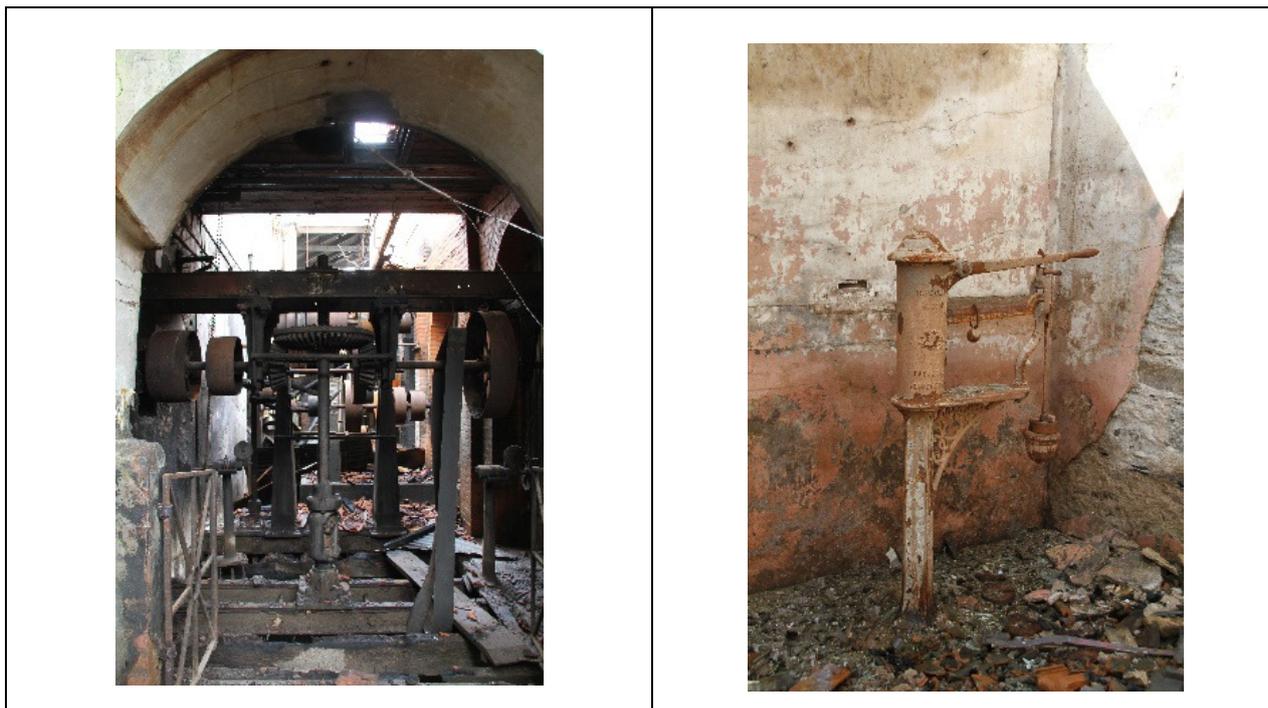
Face à gravidade da ocorrência, foi verificável a destruição dos bens materiais existentes no interior dos referidos edifícios, nomeadamente:

- as máquinas utilizadas na produção de papel estão destruídas (máquina contínua de transformação de pasta em papel, rolos, calandras, caldeira de vapor e depósitos associados, encontram-se completamente calcinadas, tendo desaparecido todos os elementos não ferrosos), galgas, cilindros e pilas holandesas (usadas na moagem para transformação do trapo e da celulose em pasta) estão calcinadas, e em alguns casos deformadas, sobrevivendo apenas as finas ferrosas ou em cimento (as mais modernas) e as mós em pedra;
- a zona das turbinas e respetivo maquinismo de transmissão de energia por correias encontra-se em mau estado, verificando-se a ausência das componentes em madeira (rodas hidráulicas, rodízios e penas) ou lona (correias de transmissão), bem como muitos componentes metálicos;
- as zonas oficinais – fundição, serralharia e carpintaria, que continham materiais em metal ou madeira, apresentam-se com as coberturas aluídas. Do que foi possível observar, os mobiliários em madeira desapareceram (armários, bancadas, tornos, moldes, etc.) e as componentes metálicas (peças diversas, moldes, tornos e ferramentas) não se encontram;
- a zona de escritório encontra-se destruída;

- nas zonas de recolha, escolha, empacotamento e armazenamento de papel, todo o mobiliário e materiais necessários à função (bancadas, mesas, réguas e esquadros) não são percecionáveis, podendo-se afirmar-se que não existem.







Os motivos que levaram à classificação da Fábrica do Papel do Boque prenderam-se, nomeadamente, no património industrial existente no interior dos seus edifícios, nomeadamente, a maquinaria de fabrico de papel, que incluía uma máquina de fabrico de papel contínua, a primeira do género a laborar em Portugal;

O património industrial existente no interior da Fábrica de Papel do Boque era o elemento verdadeiramente diferenciador em termos patrimoniais e que em grande medida, fundamentou a sua classificação como “Imóvel de Interesse Municipal”.

Considerando que o património industrial da Fábrica de Papel do Boque foi destruído, constata-se que este imóvel classificado como interesse municipal perdeu as características patrimoniais e culturais que conduziram à sua classificação.

Verificando-se esta perda, e não sendo a sua preservação e salvaguarda reproduzível, o interesse patrimonial, cultural e histórico, subjacente à classificação terá desaparecido de forma que se considera irremediável e irrecuperável.

Neste sentido, entende-se que a Fábrica de Papel do Boque não reúne condições para se manter classificada como “Imóvel de Interesse Municipal”.